

O ensino remoto na pandemia da COVID-19: opinião de estudantes de um curso técnico em enfermagem

Remote education in the COVID-19 pandemic: students' opinions on a technical nursing course

Educación remota en la pandemia de COVID-19: opiniones de estudiantes de un curso técnico de enfermería

Francisca Souza Santos Dias¹, Clara Cynthia Melo e Lima¹, Tatiana Fróes Fernandes², Patrícia de Sousa Fernandes Queiroz³.

RESUMO

Objetivo: Conhecer a opinião dos estudantes do curso técnico em enfermagem em relação ao ensino remoto, observando os impactos da pandemia no cotidiano estudantil. **Métodos:** Estudo transversal descritivo conduzido com 50 discentes do curso técnico em enfermagem de uma instituição pública de ensino, situada no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. A opinião dos discentes sobre o ensino remoto no curso técnico em enfermagem foi avaliada por meio da aplicação de um questionário on-line com dezesseis perguntas objetivas. Os dados obtidos foram analisados por estatística descritiva com auxílio do *software* STATA. **Resultados:** Verificou-se uma aceitação da oferta de disciplinas na modalidade não presencial, dada a impossibilidade da realização de aulas presenciais. Contudo, foram levantadas dificuldades para a realização das mesmas como a ausência de equipamentos de informática e de internet de qualidade, além da dificuldade em acessar as plataformas das aulas. **Conclusão:** Conclui-se, que os entrevistados não têm intenção de evadir do curso e reconhecem que o importante papel que os profissionais de saúde estão tendo diante do cenário da COVID-19 influencia sua permanência no curso.

Palavras-chave: Infecções por coronavírus, Ensino, Tecnologia da Informação.

ABSTRACT

Objective: To know the opinion of students of the technical course in nursing in relation to remote education, observing the impacts of the pandemic on the student's daily life. **Methods:** Descriptive cross-sectional study conducted with 50 students of the technical nursing course at a public educational institution, located in the Jequitinhonha Valley, Minas Gerais. The students' opinion about remote teaching in the technical nursing course was assessed by applying an online questionnaire with sixteen objective questions. The data obtained were analyzed using descriptive statistics using the STATA software. **Results:** There was an acceptance of the offer of disciplines in the non-face-to-face modality, given the impossibility of taking face-to-face classes. However, difficulties were raised for the realization of the same as the absence of quality computer and internet equipment, in addition to the difficulty in accessing the platforms of the classes. **Conclusion:** We conclude that the interviewees have no intention of evading the course and recognize that the important role that health professionals are playing in the COVID-19 scenario influences their permanence in the course.

Key words: Coronavirus Infections, Teaching, Information Technology.

¹Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Araçuaí - MG.

*E-mail: francisca_souzasantos@yahoo.com.br

²Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros - MG

³Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Januária - MG.

RESUMEN

Objetivo: Conocer la opinión de los estudiantes del curso técnico en enfermería en relación a la educación a distancia, observando los impactos de la pandemia en la vida diaria del estudiante. **Métodos:** Estudio descriptivo transversal realizado con 50 estudiantes del curso técnico de enfermería en una institución educativa pública, ubicada en el Valle de Jequitinhonha, Minas Gerais. La opinión de los estudiantes sobre la enseñanza a distancia en el curso técnico de enfermería se evaluó mediante la aplicación de un cuestionario en línea con dieciséis preguntas objetivas. Los datos obtenidos se analizaron mediante estadística descriptiva utilizando el software STATA. **Resultados:** Hubo aceptación de la oferta de disciplinas en la modalidad no presencial, ante la imposibilidad de tomar clases presenciales. Sin embargo, se plantearon dificultades para la realización de las mismas como la ausencia de equipos informáticos e internet de calidad, además de la dificultad para acceder a las plataformas de las clases. **Conclusión:** Se concluye que los entrevistados no tienen intención de eludir el curso y reconocen que el importante papel que están jugando los profesionales de la salud en el contexto del COVID-19 influye en su permanencia en el curso.

Palabras clave: Infecciones por Coronavirus, Enseñanza, Tecnología de la Información.

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do primeiro caso na China, em dezembro de 2019, o SARS-CoV-2 tem se disseminado de forma acelerada no mundo. A COVID-19 é uma doença produzida pelo novo coronavírus, o qual faz parte de uma extensa família de vírus que pode acarretar enfermidade em humanos e animais. No final de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou essa doença como uma emergência de saúde internacional. Já em março, foi declarada a pandemia de COVID-19 pela OMS, tendo em vista o quantitativo de aproximadamente 118.000 casos em 114 países e territórios (WHO, 2019; ROSER M, et al., 2020).

A pandemia de COVID-19 tem se configurado como um dos maiores desafios sanitários em âmbito global deste século (HALE T e WEBSTER S, 2019). O mundo não se encontrava previamente preparado para os efeitos sociais, culturais, educacionais e econômicos gerados pelo SARS-CoV-2 (ARRUDA EP, 2020).

Assim, diversas medidas de controle e prevenção da doença foram tomadas pelas autoridades sanitárias em diferentes esferas administrativas. Como medidas para reduzir o impacto do surto de COVID-19, os gestores optaram por incentivar o distanciamento social, adotando estratégias de controle da mobilidade da população, como o fechamento prolongado de escolas, do comércio não essencial e de áreas públicas de lazer, além do afastamento do local de trabalho (HALE T e WEBSTER S, 2019).

Nesse sentido, o fechamento de escolas é caracterizado como uma intervenção necessária para a redução do pico epidêmico, mas concomitantemente vem promovendo uma intensa mobilização de pessoas, instituições e poder público com o intuito de reformular as práticas de ensino e, conseqüentemente, reestruturar as instituições para que, assim, atendam essa nova realidade (BEZERRA IMP, 2020).

O ineditismo deste confinamento e o pouco conhecimento a respeito do novo coronavírus não contribuíram com o planejamento do acolhimento dos sujeitos envolvidos em todo esse novo contexto educacional (ARRUDA EP, 2020). Isso acontece porque o fluxo da pandemia não permite, de modo geral, que sejam tomadas decisões a médio prazo, assim governos do mundo inteiro precisam tomar decisões que podem durar um dia ou menos, a depender dos resultados de contaminação e mortes em cada país (ARRUDA EP, 2020).

Considerando o momento e a necessidade de continuidade das aulas, no Brasil novas portarias deram abertura para que os cursos sejam eles em nível básico, técnico e superior, utilizassem de tecnologias remotas, nunca antes empregadas, como metodologia de ensino (BEZERRA IMP, 2020). Embora no país existam cursos com características híbridas que associam as tecnologias no ensino com atividades presenciais, a inclusão de ferramentas virtuais de modo prioritário ainda parece ser um grande desafio, especialmente para os cursos da área da saúde (BEZERRA IMP, 2020).

O discente deve ser compreendido nesse momento tão peculiar, tendo em vista sua escolha por um curso presencial e agora, com mínimo de tempo para preparação, encontra-se em um curso não presencial com demandas que podem comprometer a execução de suas atividades. Considerando que é no campo prático que o estudante desenvolve inúmeras habilidades essenciais para o seu aprendizado e diante da necessidade da implementação de estratégias de ensino remoto emergencial no curso técnico em Enfermagem como alternativa em tempos de enfrentamento da COVID-19, surge o seguinte questionamento: Qual a opinião do estudante do curso técnico em enfermagem em relação ao ensino remoto emergencial e quais as dificuldades para adaptação à essa nova realidade?

Embora atinja milhares de pessoas no Brasil, observa-se que poucas pesquisas estão voltadas à abordagem do ensino emergencial na enfermagem, sendo um campo pouco explorado tanto teórico quanto tecnicamente (COSTA R, et al, 2020). Nesse sentido, objetivou-se com essa pesquisa conhecer a opinião dos estudantes do curso técnico em enfermagem em relação ao ensino remoto, observando os impactos da pandemia no cotidiano estudantil dos discentes.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa, do tipo exploratório e descritivo. A pesquisa foi realizada com os estudantes do curso técnico em enfermagem de uma instituição pública de ensino, situada no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Os critérios de inclusão para participar da pesquisa foram: ser discente do curso técnico em enfermagem, possuir idade igual ou superior a 18 anos e aceitar participar do estudo. Todos os participantes que se adaptarem aos critérios de inclusão foram convidados a responder o questionário e participar da pesquisa de forma voluntária.

Os dados foram coletados no período de 31 de agosto a 10 de setembro de 2020, a partir de um questionário com dezesseis perguntas objetivas no formato de pesquisa de opinião, conforme normas da resolução 510/16. Não foi necessário nenhum tipo de identificação dos respondentes e a participação foi voluntária. O questionário on-line foi construído no Google Forms®. Os convites para participação da pesquisa foram enviados por mensagens acrescidas da postagem do *link* da pesquisa, via internet, através de aplicativos como o *WhatsApp*. Ao clicar nesse *link*, o participante foi direcionado para a plataforma do Google com acesso ao formulário.

Para identificar o máximo de dados relacionados aos objetivos, abordou-se no questionário: i) impactos da pandemia na renda familiar; ii) realização do curso antes da pandemia, como aproveitamento nos estudos e influência da interação presencial com colegas e professores; iii) questões sobre a educação a distância, como participação em outros cursos de Educação a Distância (EaD); sobre a modalidade não presencial no curso técnico em enfermagem e dificuldades encontradas para participação das aulas remotas; iv) questões sobre a influência do enfrentamento pelos profissionais de saúde na permanência no curso.

As análises estatísticas foram realizadas no programa STATA versão 13.0. Foram feitas estatísticas descritivas básicas, como: frequência, média, mediana, desvio padrão e valores mínimo e máximo, com nível de significância estabelecido em $\alpha = 0,05$. Quanto às questões éticas, por se tratar de uma pesquisa de opinião cujos participantes não foram identificados, a Resolução 510, do Conselho Nacional de Saúde, não há a necessidade de registro e nem avaliação pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) e na Comissão Nacional de Ética em Pesquisas (BRASIL, 2016).

RESULTADOS

Ao todo, obtiveram-se 50 respostas, correspondendo a 94,34% dos alunos que possuíam matrícula ativa no primeiro e terceiro períodos do Curso Técnico em Enfermagem, no ano de 2020. Verificou-se que 28 participantes (56%) tiveram a renda diminuída durante o período de pandemia. Quando perguntados acerca do papel dos profissionais da saúde no enfrentamento da pandemia em vigência, 16 (32%) consideraram que influencia e 16 (32%) que influencia muito na permanência do discente no curso, sendo que 32 (64%) não consideraram em nenhum momento evadir-se do curso (**Tabela 1**).

Tabela 1: Influência do enfrentamento da COVID-19 pelos profissionais da saúde na permanência ou abandono do curso.

Variável	N	(%)
O enfrentamento da COVID-19 pelos profissionais de saúde influenciou em algum momento a sua permanência no curso?		
Influenciou muito	16	32
Influenciou pouco	7	14
Influenciou	16	32
Não influenciou	11	22
Ao observar o enfrentamento da COVID-19 pelos profissionais de saúde, em algum momento você considerou abandonar o seu curso?		
Considerarei	7	14
Considerarei poucas vezes	11	22
Não considerarei	32	64
Total	50	100

Fonte: Dias FSS, et al., 2021

Na população estudada, 42 (84%) nunca frequentaram qualquer curso ofertado na modalidade à distância ou semipresencial e 40 acreditam que o Curso Técnico em Enfermagem é inadequado (50%) ou pouco inadequado (50%) para ser ofertado nessas modalidades. Entretanto, mesmo considerando a interrupção das aulas presenciais em decorrência das medidas de contenção da COVID-19 e possível retorno dessas na modalidade de Atividades Não-Presenciais (ANPs), 5 (10%) consideram a oferta do curso na modalidade não presencial muito adequada, 20 (40%) dos respondentes consideram adequada, ao passo que 18 (38%) consideram essa modalidade pouco adequada e 6 (12%) inadequada (**Tabela 2**).

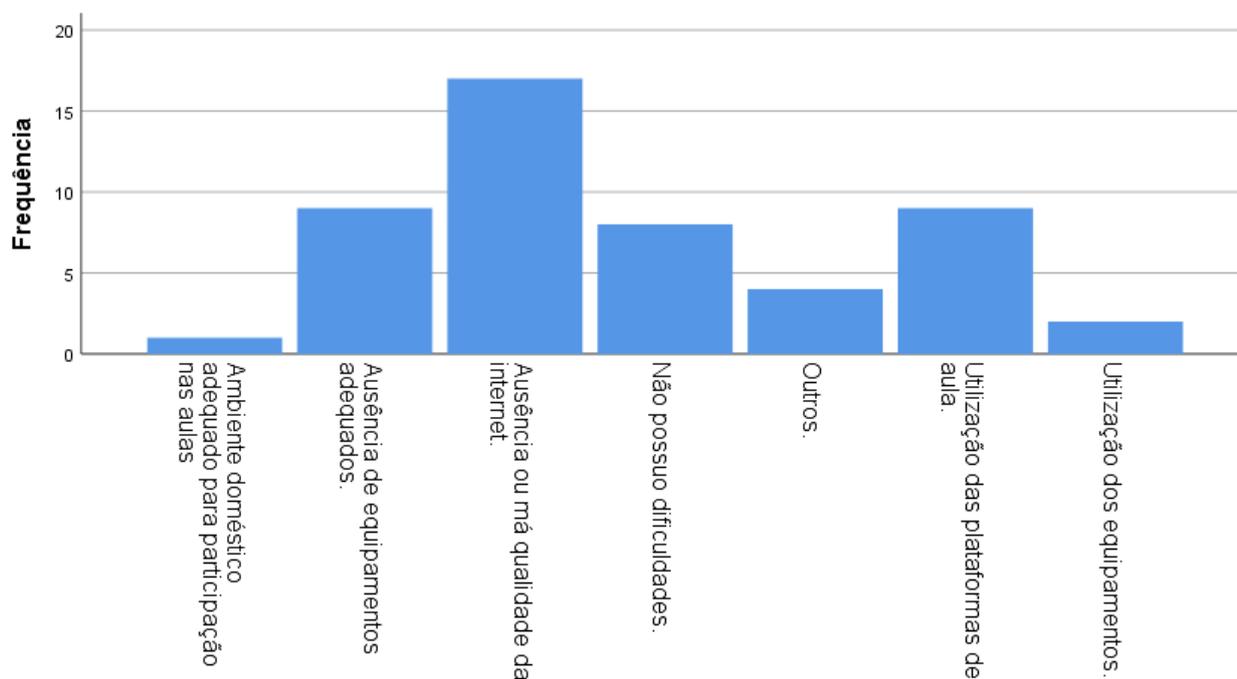
Tabela 2: Opinião acerca da adequação do ensino à distância antes e depois do isolamento social decorrente da situação de pandemia.

Variável	N	(%)
Você já frequentou algum curso oferecido na modalidade à distância?		
Sim	8	16
Não	42	84
Antes das medidas de isolamento da COVID-19 e, considerando as especificidades do seu curso, você considerava o ensino à distância:		
Muito adequado	1	2
Adequado.	9	18
Pouco inadequado.	20	40
Inadequado.	20	40
Durante a imposição do isolamento social, qual sua opinião acerca da oferta do seu curso na modalidade não presencial?		
Muito adequado.	5	10
Adequado.	20	40
Pouco inadequado.	19	38
Inadequado.	6	12
Total	50	100

Fonte: Dias FSS, et al., 2021

Ausência ou má qualidade da internet foi elencada por 17 (34%) participantes como a maior dificuldade para a participação nas atividades na modalidade não presencial, seguida por ausência de equipamentos adequados (9 respostas, 18%) e utilização das plataformas de aulas (9 resposta, 18%) (**Figura 1**).

Figura 1: Dificuldades para participação das aulas na modalidade não-presencial.



Fonte: Lima CCM, et al., 2021

DISCUSSÃO

A enfermagem, historicamente, sempre esteve presente em momentos de crise como em guerras, catástrofes ambientais e humanitárias, não sendo diferente sua atuação na pandemia por SARS-CoV-2 vivenciada atualmente (OLIVEIRA KKD, et al., 2021). O contexto da pandemia evidenciou a Enfermagem como uma categoria profissional essencial para o sistema de saúde brasileiro, não apenas em razão de sua capacidade técnica, mas, também, por se tratarem de profissionais que permanecem 24 horas ao lado do paciente, acompanhando a evolução da assistência (SOUZA LPS e SOUZA AG, 2020).

Entre os trabalhadores da saúde, os profissionais de enfermagem (enfermeiros, técnicos em enfermagem e auxiliares de enfermagem) representam maioria nos serviços públicos e privados. De acordo com um relatório recente da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Conselho Internacional de Enfermeiros (International Council of Nurses – ICN), há cerca de 28 milhões de profissionais de Enfermagem no mundo (WHO, 2020).

No Brasil, há mais de dois milhões de profissionais atuando em todas as estruturas organizacionais do sistema de saúde (SILVA MCN e MACHADO MH, 2020). Dessa forma, o presente estudo buscou conhecer a opinião de estudantes de enfermagem acerca do ensino remoto nesse contexto. Por se tratar de um curso com uma extensa carga horária direcionada às práticas, estratégias tiveram que ser adotadas no intuito de diminuir o impacto dessa situação na manutenção dos estudantes no curso.

A atuação dos profissionais de enfermagem nessa conjuntura provocou sentimentos duais entre os estudantes, exercendo influência na permanência de 78% dos entrevistados, sendo que 32% dos estudantes consideraram que influencia e 32% que influencia muito na sua permanência no curso. Por outro lado, 64% não consideraram em nenhum momento evadir-se do curso. A enfermagem atua desde ações de educação em saúde, triagem de casos suspeitos, coleta de material para exames, orientações de isolamento até a prestação dos cuidados hospitalares acarretados pelas complicações da COVID-19. Além disso, executa ações gestão, ensino e pesquisa (CHOI KR, et al., 2020).

Diante de uma pandemia como da COVID-19, os profissionais de saúde, dentre eles, os da enfermagem, encontram-se na porta de entrada em todo o conjunto da assistência nos serviços de saúde, atuando na linha de frente para promover a saúde da população e cuidando das pessoas com agravos já instalados (FORTE ECN e PIRES DEP, 2020).

Considerando as medidas de contenção da disseminação do coronavírus, foi necessário interromper abruptamente as aulas presenciais, ao reconhecer os estudantes como potenciais transmissores do vírus, bem como, vulneráveis à contaminação. Essa interrupção repentina das atividades previamente presenciais, as quais associavam atividades teóricas e práticas, exigiu a reorganização das práticas de ensino em seus diferentes níveis ao considerar a diversidade do público a ser atendido, tornando necessária a ampliação de competências e reformulação dos métodos de ensino e aprendizagem (ALVES VLS, et al., 2015).

O modelo de ensino adotado, globalmente, não foi considerado pela literatura acadêmica como ensino a distância (EaD), uma vez que não houve planejamento de material e estrutura para essa modalidade. Assim, o termo que vem sendo utilizado, é descrito como "ensino remoto emergencial", que é assim definido como remoto por configurar-se uma mudança temporária em que estudantes e professores não se encontram presencialmente e emergencial por tratar-se de uma modalidade de ensino em que não houve tempo para o planejamento prévio (HODGES C, et al., 2020).

A aula remota foi adotada e autorizada pelo Ministério da Educação para o prosseguimento das atividades de ensino e do calendário letivo. Dentro do contexto virtual, os docentes ampliaram a utilização das metodologias ativas, buscando manter a qualidade da aula, antes ministrada presencialmente (VIEIRA TDGF e SANTOS MLSC, 2020). Na enfermagem, essa nova experiência permite ampliar o debate sobre o uso dessas metodologias remotas no ensino em saúde, buscando reflexão sobre a interação destas com os demais métodos de ensino implementados e salvaguardando as especificidades do processo formativo dos profissionais de enfermagem (VARELLA TCMML, et al., 2020).

Com esse novo cenário sanitário que impôs uma rápida mudança nas práticas de ensino, os estudantes se viram diante de uma metodologia desconhecida por muitos e que exige conhecimento e habilidades específicas. Ainda, verifica-se, de outro lado, o docente que teve que incluir de forma repentina as tecnologias em seus métodos de ensino. Os resultados desse estudo revelam que a maior parte dos estudantes nunca frequentaram qualquer curso ofertado na modalidade à distância ou semi-presencial. Em relação às dificuldades para a participação nas atividades na modalidade não presencial, a maioria dos estudantes apontou a ausência ou má qualidade da internet, seguida por ausência de equipamentos adequados.

O estudo de Lima AC, et al. (2020) corrobora com os achados dessa pesquisa, pois esses autores afirmam que o acesso à internet e aos equipamentos de informática não é uma realidade frequentemente observada nos domicílios dos estudantes. Por muitas vezes, as políticas públicas não acompanham os modelos e parâmetros impostos pelo conhecimento científico e pela tecnologia, pois estas ainda não superaram as antigas formas de exclusão social, cujos desdobramentos foram intensificados durante a pandemia do novo coronavírus (COSTA R, et al., 2020).

Assim, ao se considerar a modalidade à distância ou não presencial como alternativa para o enfrentamento dessa pandemia pelas instituições de ensino, é imprescindível analisar questões relacionadas às diferentes condições de acessibilidade e aproveitamento das ferramentas digitais, além das realidades educacionais desiguais, a fim de que essa modalidade seja realmente efetiva e que não prejudique a oferta de ensino de qualidade (LIMA AC, et al., 2020; SAMPAIO RM, 2020). Nesse sentido, visando minimizar os prejuízos para a formação dos alunos, estratégias têm sido desenvolvidas como o empréstimo de tablets educacionais, bem como o auxílio digital. Essas ações têm por objetivo promover a inclusão digital, para que os estudantes de escolas públicas possam realizar as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse estudo, verificou-se que a maioria dos participantes referiu que, antes do deflagramento do isolamento físico determinado pelas normas de contenção da COVID-19, a modalidade à distância seria inadequada ou pouco inadequada para o Curso Técnico em Enfermagem. Entretanto, ao se considerar a permanência desse isolamento e a conseqüente readaptação decorrente deste, quando perguntados sobre a

oferta do curso na modalidade não presencial, 50% dos respondentes referiu ser adequado ou muito adequado, sendo que apenas 6 respondentes consideraram essa modalidade inadequada. No mesmo sentido, os resultados demonstram que os estudantes consideram apenas as disciplinas teóricas como adequadas para a oferta à distância. Sobre essa situação, é essencial a compreensão do impacto causado aos discentes pela inserção de aulas não presenciais, uma vez que, por questões culturais, muitos consideram a oferta do curso à distância ou não-presencial como uma “fragilidade” para o processo de ensino aprendizagem (BEZERRA IMP, 2020).

Embora diversos fatores possam ser corrigidos e/ou adaptados na modalidade de ensino emergencial, alguns elementos não são passíveis de adaptação, como a realização de simulações realísticas e aulas práticas (NÓBREGA IS, et al., 2020). Com a estratégia de ensino remoto, inúmeras lacunas serão criadas com a falta da interação professor-estudante nos cursos da área médica. Desse modo, para o pós-pandemia, é indispensável que as instituições de ensino planejem um robusto conjunto de ações para garantir o contato do estudante com pacientes, sejam em hospitais, ambulatorios ou na atenção primária em saúde para sedimentar os conhecimentos teóricos e favorecer a aquisição de habilidades de comunicação efetiva (GOMES VTS, et al., 2020).

Cada vez mais se ampliam os debates acerca da importância e qualidade do ensino com o avançar das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Em relação à formação de profissionais na área da saúde, mais especificamente em enfermagem, a implementação de tecnologias digitais com suporte na internet e na modalidade de educação a distância tem se tornado cada vez mais frequente (MILLÃO LF, et al., 2017).

Considerando que o mercado de trabalho demanda profissionais que estejam habilitados a lidar com as tecnologias emergentes, a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem pode auxiliar no desenvolvimento de competências dos estudantes, contribuindo cada vez mais para a sua futura inserção profissional (ALVES VLS, et al., 2015).

Nesse sentido, o advento da COVID-19, além de conceber um cenário desafiador, pode ser impulsionador de mudanças. No âmbito da saúde, emerge a discussão sobre as formas de ensino com integração da teoria e prática por meio da adoção de metodologias ativas mediadas pelas tecnologias digitais. As metodologias de ensino do século XXI tendem para a integração científica e tecnológica, com utilização de plataformas digitais e métodos baseados em um cenário educativo com oportunidades para a promoção de uma maior autonomia do aluno na aprendizagem por meio dos ambientes virtuais (LIRA ALBC, et al., 2020).

Estudos recentes demonstram que alunos que aprenderam situações por meio do uso de simuladores virtuais em comparação com aqueles que tiveram apenas aulas expositivas tradicionais apresentaram melhor desempenho prático (STAYT LC, et al., 2015).

Autores demonstram a relevância da utilização das tecnologias no contexto educacional, enquanto ferramentas que acrescentam valor aos métodos tradicionais de ensino. Para tal, as práticas inovadoras devem propiciar o empoderamento do estudante, utilizando metodologias que promovam um ensino baseado na criticidade, reflexão, diálogo, vínculo e interação e não apenas na transmissão do conhecimento (BEZERRA IMP, 2020).

Assim, infere-se que a pandemia do COVID-19 provocou mudanças de paradigmas no ensino, pois as instituições ao se perceberem dentro de uma realidade que modificou em todo o mundo aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais, estas tiveram planejar novas formas de ensinar. As instituições, visando à continuidade das aulas no formato não presencial passaram a inserir as tecnologias remotas como ferramentas para readequar os métodos de ensino em saúde (BEZERRA IMP, 2020).

Contudo, na área da saúde, a reorganização estrutural dos cursos vai além da reformulação das práticas de ensino, mas envolve uma reflexão por parte dos gestores, docentes e discentes sobre o novo modo de ensinar. Para tanto, não se pode negligenciar a necessidade latente de investimento em políticas sociais, bem como em infraestrutura de internet e afins, no intuito de que essa modalidade de ensino consiga alcançar de maneira satisfatória todos os estudantes. Dessa forma, torna-se essencial que todos os envolvidos no

processo educacional discutam sobre as estratégias pedagógicas mais adequadas, compreendendo as distintas realidades, com a finalidade de minimizar os impactos e as consequências da pandemia no ensino (OLIVEIRA HV e SOUZA FS, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que apesar dos entrevistados terem a opinião de que o curso de Técnico em Enfermagem não é adequado para ser oferecido na modalidade não presencial, existe uma aceitação na realização de disciplinas oferecidas nesta modalidade de ensino durante o curso da pandemia e a imposição do isolamento social. Entretanto, foram levantadas dificuldades para a efetiva realização das aulas via remoto, como acesso à internet ou má qualidade desta, falta de equipamento, além da dificuldade em acessar as plataformas das aulas, tudo isso podendo está sendo agravado pelo reflexo da pandemia nas mudanças nas condições socioeconômicas, como a diminuição da renda, relatada pela maioria dos participantes deste estudo. Porém, mesmo diante deste contexto, os entrevistados não têm a intenção de evadir do curso e reconhecem que o papel de destaque que os profissionais de saúde estão tendo diante do cenário da COVID-19 influencia sua permanência no curso.

REFERÊNCIAS

1. ALVES VLS, et al. Interatividade virtual: fórum web café em um curso de gestão em enfermagem. *REME - Rev Min Enferm.* 2015; 19(1): 127-133
2. ARRUDA EP. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *EmRede.* 2020; 7(1): 257-275
3. BEZERRA IMP. State of the art of nursing education and the challenges to use remote technologies in the time of corona virus pandemic. *J. Hum. Growth Dev.* 2020; 30(1):141-147.
4. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 7 de Abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2020.
5. CHOI KR, et al. Nursing and the Novel Coronavirus: risks and responsibilities in a global outbreak [editorial]. *J Adv Nurs.*, 2020;76(7):1486-7.
6. COSTA R, et al. Ensino de enfermagem em tempos de COVID-19: como se reinventar nesse contexto?. *Texto contexto - enferm.*, 2020; 29: e20200202.
7. FORTE ECN, Pires DEP. Os apelos da enfermagem nos meios de comunicação em tempos de coronavirus. *Rev. Bras. Enferm.*, 2020; 73(2): e20200225
8. GOMES VTS, et al. A pandemia da Covid 19: repercussões do ensino remoto na formação médica. *Rev. bras. educ. med.*, 2020; 44(4): e114.
9. HALE T, WEBSTER S. *Oxford COVID-19 Government Response Tracker*. Data use policy: Creative Commons Attribution CC BY standard, 2020.
10. HODGES C, et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. *Educause Review*, 2020.
11. LIMA AC, et al. Desafios da aprendizagem remota por estudantes universitários no contexto da Covid-19. *REVISA [Internet]*, 2020; 9(1): 610-7
12. LIRA ALBC, et al. Educação em enfermagem: desafios e perspectivas em tempos da pandemia COVID-19. *Rev. Bras. Enferm.* [online], 2020; 73(2): e20200683.
13. MILLÃO LF, et al. Integração de tecnologias digitais no ensino de enfermagem: criação de um caso clínico sobre úlceras por pressão com o software SIACC. *Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde (Reciis)*, 2017; 11(1):1-12.
14. NÓBREGA IS, et al. Ensino remoto na enfermagem em meio a pandemia da Covid-19. *Rev Recien.* 2020; 10(32):358-366.
15. OLIVEIRA, KKD et al. Nursing Now e o papel da enfermagem no contexto da pandemia e do trabalho atual. *Rev. Gaúcha Enferm.* [online]. 2021, 42: e20200120.
16. OLIVEIRA HV, SOUZA FS. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: Reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). *Boletim de Conjuntura.* 2020, 2(5): 15-24.
17. ROSER M, et al. Coronavirus Disease (COVID-19) - Statistics and Research. 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus>. Acesso em 12 de dezembro de 2020.
18. SAMPAIO RM. Teaching and literacy practices in COVID-19 pandemic times. *Research, Society and Development [Internet]*, 2020; 9(7): 1-16.
19. SILVA MCN, MACHADO MH. Health and work system: challenges for the nursing in Brazil. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet], 2020;25(1):7-13.

20. SOUZA LPS, SOUZA AG. Enfermagem brasileira na linha de frente contra o novo Coronavírus: quem cuidará de quem cuida?. *J. nurs. Health*, 2020;10(n.esp.):e20104005
21. STAYT LC, et al. Recognizing and managing a deteriorating patient: a randomized controlled trial investigating the effectiveness of clinical simulation in improving clinical performance in undergraduate nursing students. *J Adv. Nurs.*, 2015; 71(11): 2563-74.
22. VARELLA TCMML, et al. Graduação em Enfermagem em tempos da Covid-19: reflexões sobre o ensino mediado por tecnologia. *EaD em Foco*, 2020; 1: e1194
23. VIEIRA TDGF, SANTOS MLSC. Pedagogical strategies and use of active methodologies in undergraduate Nursing in times of Coronavirus pandemic – COVID – 19. *Research, Society and Development*, 9 (11): e2759119749, 2020.
24. WHO. World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19) Pandemic Geneva: WHO; 2019. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-20199>. Acesso em: 15 de março de 2020.
25. WHO. World Health Organization. State of the world's nursing 2020 [Internet]. Genebra. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331673/9789240003293-eng.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2020.